

Lactation, a plantation mamífera

Lactation, a mammalian plantation

Resumo: Entre o ensaio visual e a autoetnografia, este é um paper de baixos estudos, no melhor sentido em que ele aponta: para o chão. Um chão que é terra, secreção, leite, bicho, neném, rodapé, matéria viva. Enquanto artista-teórica forçada a pensar-com – e a partir do – leite vazado no encontro com minha cria, percebi que um conceito determinava a vida leitosa ao meu redor: a Lactation. A partir daí, um vídeo de 3 minutos e 33 segundos se pensa-com amas, vacas, cabras, ovelhas, grãos, patógenos e zumbis.

Palavras-chave: Ensaio visual.

Abstract: *Between the visual essay and autoethnography, this is a paper of low studies, in the best sense in which it points: toward the ground. A ground that is earth, secretion, milk, critter, baby, footnote, living matter. As a theorist-artist forced to think-with – and from – the milk which has leaked in the encounters with my offspring, I realized that a concept determined the milky life around me: Lactation. From there, a video of 3 minutes and 33 seconds has been thought-with wet nurses, cows, goats, sheep, grains, pathogens and zombies.*

Keywords: *Visual essay.*

É artista-etc., escritora, pesquisadora, cosmotransfeminista e mãe suficientemente boa. Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio/CNPq com o projeto “Da estrela ao grão: FCs [Fabulações Contranegacionistas] entre artes visuais e filosofia”. É mestra em Artes Visuais [PPGArtes/UERJ/Capes] e doutora em Linguagens Visuais [PPGAV/UFRJ/Capes] com estágio doutoral no laboratório de Sociologia e Filosofia Política da Université Paris-Nanterre [Sophiapol/Capes PDSE]. É membra dos grupos de pesquisa SPECIES - Núcleo de Antropologia Especulativa [UFPR/CNPq], Terranias - Núcleo Transdisciplinar de Pensamento Ecológico [PUC-Rio/CNPq] e do Proyecto Portunholas: Laboratorio de mujeres artistas en las fronteras de Sudamérica [Goethe Institut Bolivia] desde 2021. Foi professora Substituta [40h] no Depto de Artes e Estudos Culturais [UFF - Polo Rio das Ostras / RJ]. Coorganizou o Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia [2014]. A pesquisa teórica recente investiga uma possível virada ontológica [ou virada contra-estética ou ontoecológica] nas artes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8705-7576>, ceciliacavallieri@gmail.com

via láctea - uma especulação cosmopoética, 2019. 3'33". Em junho de 2019, cabra, vaca, ovelha, monika e eu fomos agentes de um experimento laboratorial no qual os leites destas fêmeas foram observados durante 21 dias e fotografados a cada 7 minutos. Ao todo foram cerca de 6 mil fotografias e, com esse material montamos, Luisa Marques e eu, um timelapse mostrando o comportamento desses leites distendidos no tempo e no espaço. Para a composição sonora, feita em parceria com Orlando Scarpa Neto, gravamos e manipulamos leites de diferentes densidades [karoline, vaca, cabra e ovelha] com hidrofones, em um laboratório improvisado na cozinha de Orlando, que maternou esses leites comigo. Durante essa janela, a urgência dos leites foi se mostrando nos copos, se solidificando, atraindo insetos e fazendo com que aquela experimentação se tornasse, talvez, inócua. No entanto, como resultado apresentado, a única verdade científica ali era política: a única certeza que eu tinha em relação àquele material, àquele matéria, é de que apenas o leite de monika tinha sido negociado e que esse leite, na verdade de monika e leo [que na época tinha 6 meses] vinha das tetas de monika e tão somente delas. Cabra, vaca, ovelha: sujeitas anônimas lactantes e cujos leites também sem nome me foram vendidos por um mercadinho orgânico qualquer; leites misturados de fêmeas de cada espécie, cada uma em seu pacote, processados e ajuntados por um maquinário do sistema laticida que muito provavelmente não os negociou com humanos e humanas como eu. Cabra, vaca e ovelha não tinham um rosto nem um



nome próprio. Por isso escolhi grafar monika com m minúsculo e ocultar seu sobrenome e sua história, dessubjetivando em alguma medida seu leite e o colocando em uma conversa estranha, provisória e precária com os leites das outras fêmeas anônimas, invisíveis e invisibilizadas. Durante os 30 meses em que amamentei minha filha fui transformada em um ser sensível a tudo o que envolve a economia do leite. Amamentar, além de me causar pavor e de despertar minhas fragilidades mais arcaicas, me causava uma certa angústia enquanto estava grávida. E, logo depois de seu nascimento, dar o peito foi mais do que dar de mim mesma, ou um Dar de si [performance de Roberta Barros onde a artista e pesquisadora ordenhou leite de seus seios em copos e os distribuiu aos presentes no Galpão do PPGAV. Declaradamente inspirada na temática de Mary Kelly, pioneira do feminismo na arte conceitual, Roberta Barros performou Dar de si em 2011 discutindo o aprisionamento cultural da mulher ao seu corpo materno]; dar o peito foi, por um lado, experimentar a relação mais profunda de prazer, plenitude e superpoder. Por outro foi ver meu corpo, ou melhor, meu peito, como objeto público e passível de controle do corpo social. Um peito à mostra, erotizado, mas não muito, pois enquanto peito sagrado, que cumpre sua função nutricional, é preciso apenas contê-lo e controlá-lo. Aleitar, em 2022, deveria ser um direito, mas estamos ainda falando de um privilégio. E no estado de exceção em que vivemos essa operação perversa de transformar – o que deveriam ser – direitos em privilégios não é incomum. E privilégios, como sabemos, são comumente herdados, uma herança traçada na cor da pele ou na sua marcação geográfica e social. De classe,

talvez. Falar de amamentação é, antes de mais nada, falar de privilégios. Para uma mulher poder amamentar em livre demanda e “cumprir” os requisitos da Organização Mundial de Saúde [aleitamento materno exclusivo até aos 6 meses de idade e alimentação complementar dos 6 meses, devendo continuar a ser amamentadas, pelo menos, até completarem os 2 anos de idade] ela precisa de tempo, de rede de apoio, de informação. Mas antes de mais nada ela precisa ser respeitada em seu desejo: o de amamentar e o de escolher não amamentar. Pude escolher amamentar e seguir à risca a cartilha da OMS: Dora se alimentou apenas de leite materno até os seis meses de idade, mamou em livre demanda até os dois anos e, com dois e meio, parou de mamar. Porque eu não quis mais. Foi um desmame ruim, mal feito, totalmente diferente do desmame natural que eu havia imaginado, mas foi o desmame possível. E eu estava exausta. Segundo os indicadores de aleitamento materno, quanto mais rico é o país menor a chance de o bebê mamar exclusivamente no peito. E isso está diretamente ligado à transformação do aleitamento em algo inferior, coisa de pobre, menor, menos importante ou assujeitante para uma mulher moderna e que precisa se portar tal qual um homem no que chamam de mercado de trabalho, uma vez que os leites “artificiais” [que de artificiais não têm nada, são leites roubados da teta de alguém] estão disponíveis nas prateleiras de qualquer farmácia e de qualquer supermercado. Como tudo o que envolve o trabalho reprodutivo (cozinhar, cuidar, alimentar, limpar), a amamentação – contraproducente por excelência, esse trabalho doméstico, arte menor como tudo aquilo que carrega a natureza suja da mãe – se tornou mais um



em um laboratório de especulação científico-poética

elemento na demarcação da divisão das classes sociais, como mostra estatística divulgada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em agosto de 2019. Apenas quatro em cada dez bebês no mundo são alimentados exclusivamente com o leite materno nos primeiros seis meses de vida, conforme recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). [...] De acordo com a agência da ONU, as nações ricas registram as menores taxas de amamentação exclusiva para o início da vida. Nos países de renda média e alta, 23,9% das crianças são alimentadas somente com o leite da mãe em seu primeiro semestre após o nascimento. O índice representa uma queda na comparação com 2012, quando a taxa chegava a 28,7%. [...] No Brasil, o índice foi estimado em 38,6%, de acordo com a UNICEF e a OMS. Nos países menos desenvolvidos, o índice de amamentação exclusiva no primeiro semestre de vida está acima da média global de cerca de 40%, alcançando os 50,8%. As maiores taxas foram encontradas em Ruanda (86,9%), Burundi (82,3%), Sri Lanka (82%), Ilhas Salomão (76,2%) e Vanuatu (72,6%). Pesquisas coletadas pela UNICEF também mostram que bebês em áreas rurais têm mais probabilidade do que os nascidos em zonas urbanas de ter uma dieta composta exclusivamente por leite materno no início da vida. E o que isso diz sobre o modo de vida moderno? Amamentar não é nem para quem quer, nem para quem pode: é um combinado complexo desses dois fatores onde poder significa ter as permissões, as licenças, as condições, e querer quer dizer mais de uma afirmação de um corpo, de como ele se coloca disponível ao desejo, de como ele se contorna. Escolher poder amamentar – ou não – é um privilégio. E os privilégios que

me foram concedidos para poder escolher amamentar não me livraram das experiências de violência que jamais imaginaria sofrer apenas por ser uma mulher que amamenta. Por que o seio de uma mulher é uma ameaça à humanidade? Deve ser porque ele é mágico, a fonte dessa coisa bruta e enigmática chamada leite. Dar de mamar é muito mais do que um chamado ao essencial das coisas, é muito menos tudo aquilo que nos contam sobre amamentar: é um transbordamento sem borda, seguido de um esvaziamento literal. É encher a boca de alguém e, com isso, participar ativamente da construção de uma vida com o sêrum único e inimitável que é o leite materno. É sabido que a amamentação promove o desenvolvimento saudável do cérebro em bebês e de crianças pequenas, protege as crianças contra infecções e diminui o risco de obesidade e de outras doenças. A prática também reduz custos de assistência médica no futuro e protege as mães lactantes contra o câncer de ovário e de mama. Para Henrietta Fore, diretora-executiva da UNICEF, apesar dos benefícios da amamentação, os locais de trabalho em todo o mundo estão negando um apoio muito necessário às mães. Precisamos investir muito mais em licença parental remunerada e em apoio à amamentação em todos os locais de trabalho para aumentar as taxas de amamentação globalmente. Até 2025, a Organização Mundial da Saúde quer garantir que pelo menos metade de todas as crianças no mundo sejam alimentadas exclusivamente com leite materno durante os seus seis primeiros meses de vida. Contudo, ao que parece, como tudo o que concerne ao trabalho reprodutivo, as tetas de uma mulher que amamenta são uma ameaça à economia mundial. Ao longo da amamentação observei



toda uma cadeia de produção em que o imaginário do leite era responsável por outra rede cuja finalidade acabava por sacrificar e instrumentalizar os corpos de outras fêmeas: o aleitamento humano - e por aleitamento humano quero dizer a nutrição de pessoas adultas por meio da extração de leite animal - em escala industrial e não-humana, a presença de leites de outras mamíferas em grande parte dos produtos industrializados, a substituição do leite de vaca por leites de cabra e de ovelha para minimizar os efeitos maléficos e inflamatórios do leite de vaca em alguns corpos humanos, como alergias às proteínas do leite [APLV] e intolerância ao seu açúcar, a lactose, o hiperprocessamento da matéria leite em quase tudo o que é comestível, etc. Se por um lado falamos de trabalho reprodutivo como aquele trabalho invisibilizado - e friso invisibilizado pois tornado invisível e não invisível como característica inata - e realizado por uma rede de mulheres que se ocupa de parir e de criar crianças, um trabalho que justamente não é marcado pela produtividade, um trabalho estéril do ponto de vista produtivista, ou seja, uma atividade essencialmente contrapatriarcal e anticapitalista, que não gera lucro nem produto embora tenha servido de cama para o patriarcado dormir, deitar, rolar, se nutrir e crescer é, aqui, justo o contrário o que acontece do ponto de vista das outras mamíferas: hordas de fêmeas vivendo em condições insalubres para alimentar uma sociedade que ainda se vê dependente desse leite de um modo bastante irracional, pois sabe-se lá porque cargas d'água justo essa substância, o leite, se tornou ingrediente quase onipresente na indústria alimentícia. O ciclo de manuseio do leite e das tetas que o criam fala dessa “mercantilização com base

no gênero”, no qual sua produção está submetida ao ciclo reprodutivo da fêmea. Estamos falando, portanto, de uma espécie de violência sexualizada e, como já mencionei em outra parte desse pensamento coletivo, uma vez que está fundamentado na reprodução, trata-se de uma questão cosmopolítica e feminista, do feminismo multiespecífico [entre humanes e outros-que-humanes como vacas, cabras, ovelhas e grãos] - ou antiespecista - que trata politicamente dessas línguas ou desses leites não-negociados com outras mamíferas, bem como problematiza os sistemas de subalternização humana e outra-que-humana envolvidos na amamentação prolongada [para além das recomendações da Organização Mundial de Saúde] e interespecífica [entre as espécies: humanos mamando em vacas, por exemplo, mas sem o contato, sem o corpo a corpo, sem a negociação] mediadas por campos laticidas altamente tecnificados tanto para mamíferes quanto para operáries em condições precarizadas de trabalho. A questão do leite não atravessa apenas essa relação interespecies, perfurando a falaciosa divisão homem/animal, mas também é atravessada por experiências de raça, gênero, sexualidade baseadas em uma taxonomia humanista que faz o tratamento mercantil da espécie [tudo aquilo que não é o homem, e já sabemos de que homem estamos falando repetidas vezes aqui] como um commodity a ser explorado. O processo de industrialização ainda não se libertou do imaginário do leite. Por quê? Porque somos mamíferes? Porque, como bem lembra o teólogo Vitor Westhelle, na fé cristã, Deus se tornou um mamífero? Talvez uma das respostas possíveis esteja em algum lugar do que se convencionou chamar Via Láctea, esse pedacinho tão sui



generis do céu [ocidental]. Mas antes de começar esse passeio em direção ao céu no nosso foguete em missão astrográfica, e que nada tem a ver com o pirocão de Jeff Bezos; não é azul, muito menos sequer origem de nada, aliás, grandessíssimo ato falho nomear o foguete de Blue Origin na intenção de fazer referência à Terra [planeta azul] como ponto - de origem - de sua partida e acabar mais parecenariado um chá de revelação intragaláctico da humanidade cismasculinizada [heteroparcial e branca] cujos discursos e dispositivos da ciência e da tecnologia visam penetrar e explorar não apenas o ponto mais fundo da terra, mas também arrombar as portas do céu e de todo o sistema solar. Depois de já terem recodificado a Terra, parece que chegou a vez do céu. Mas me pergunto se o ocidente já não foi codificado por ela, no caso, pela Via Láctea. São muitos os mitos de origem que coabitam a história desse pedaço de um céu que nos guia e cujas constelações estelares compõem aquilo que chamamos de Via Láctea [caminho de leite], um aglomerado de centenas de bilhões de estrelas com um buraco negro no meio e cuja idade aproximada é de 13 bilhões de anos. Mas esse céu é um céu específico a depender da posição geográfica, ou melhor, da posição etnográfica do observador e da maneira como ele o observa. Algumas das principais constelações que compõem a Via Láctea são Andrômeda, Ursa Maior, Ursa Menor, Cão Maior, Cão Menor, Pégaso, Fênix, Órion e Cruzeiro do Sul, que vem a ser a mais importante do hemisfério sul e não pode ser vista do hemisfério norte. As Guias do Cruzeiro do Sul [alfa e beta do Centauro] e a Via Láctea são chamadas Yawat iwakakape, literalmente “caminho do céu” pelos indígenas Kamayurá. No outro dia, o pai dos meninos,

Yawat, queria que eles andassem como onça, e tentou fazer pernas e braços, tudo igual onça. Mas quando ele puxou a cara deles para ficar igual onça, eles não aguentaram, começaram gritando, “Mãe salva, me salva!” — chamando Kawabib. Aí os Kawabib vieram e Yawat ficou com medo. Então os meninos atiraram o pai e a mãe de criação lá para o céu, e o nome deles agora é Iwakakape ayrupí, conta o pesquisador Pedro Agostinho. A Via Láctea é também chamada de Caminho da Anta [Tapi'i rapé, em guarani] pela maioria das etnias dos indígenas brasileiros, devido principalmente às constelações representando uma Anta (Tapi'i, em guarani) que nela se localizam. Em algumas mitologias asiáticas ela é chamada Tianhe, um rio celeste, ou mesmo Tengshe, uma cobra aquática e Tianchuan, um barco navegando no rio. Na Polinésia, no Taiti, ela são peixes nadando em uma enseada. Para os Maori, ela é waka: uma canoa bem ancorada. Aborígenes da Austrália vêem na Via Láctea um rio com moradias que se estendem por seu leito e a chamam de Wodliparri (wodli = cabana, parri = rio). Algumas narrativas indígenas norte-americanas a tem como “o caminho dos mortos”; as estrelas são as fogueiras acesas durante a viagem. São inúmeras as interpretações mitológicas da galáxia, notavelmente quase sempre considerada um rio ou caminho: "Rio" dos árabes, "Rio da Luz" dos hebreus, "Rio Celestial" dos chineses, "Cama do Ganges" na tradição sânscrita. Para alguns povos inuítes, a faixa brilhante forma o "caminho das cinzas". Em algumas culturas africanas ela vem da história de uma menina que marcou seu caminho para que seu povo pudesse encontrá-la. Para os cheyennes a Via Láctea é o rastro de poeira deixado pela corrida entre um búfalo e um cavalo. Alguns



turcos conheciam a galáxia como Hadjiler Juli ou "estrada dos peregrinos". Mas nenhuma - nenhuma ao menos na aventura da pesquisa que vim realizando esses anos - dessas mitologias fala de leite como a mitologia grega que a nomeia e a faz espalhar por todo o ocidente. O caminho de leite da galáxia, do grego "gala", "galaktos", leite, foi criado por um jato de leite saído do peito de Hera, mulher de Zeus, madrastra de Hércules. Certa noite, enquanto dormia, Hera foi surpreendida com bebê Hércules levado ao seu seio por Zeus [alguns dizem que foi Atenas]. Ao dar-se conta, Hera arranca o peito da boca de Hércules - que mamava tão forte a ponto de causar muita dor à Hera - , o empurra para longe e, nesse instante, o leite jorrado do peito de Hera se espalha através dos céus formando então o que chamamos de Via Láctea, do grego, caminho de leite. O destino extraordinário do pequeno Hércules já havia começado e, quem sabe, é daí que vem parte de sua força para, futuramente, realizar os doze trabalhos impossíveis. Existem pequenas variações nessa história que marca profundamente o lactorizonte ocidental, mas o caminho de leite no céu é o mesmo. Não por acaso somos a única sociedade a desenhar, de certo modo, a plantation láctea, a lactation, como um geoglifo performedo por mamíferas bovinas. Segundo Hannah Ritchie e Max Roser, pesquisadores do portal Our World in Data, nós, humanos, somos 34% da biomassa global mamífera. Os mamíferos de pecuária [gado de corte, vacas leiteiras, porcos de abate, búfalos e cavalos de criação, cabras, ovelhas, etc.] somam 62% dessa biomassa mamífera, sendo 36% gado e, nesses 36%, estão contidas as 270 milhões de vacas que servem à indústria do leite e protagonizam esse cenário de Lactation,

a monocultura láctea - foi logo depois da minha apresentação no GT Ontologias Contemporâneas, na Mesa Feminismo Tentacular, na PUC de Porto Alegre - RS, em 2019, que surgiu essa expressão, Lactation, em conversa com a filósofa Carolina Marim acerca de meu vídeo "Via Láctea - uma especulação cosmopoética". Assim como a plantation, a lactation é um sistema de exploração colonial, imperialista, que se estrutura sobre quatro patas: 1) grandes latifúndios, 2) monocultura, 3) trabalho escravo e 4) exportação para a metrópole. Na lactation as vacas leiteiras são criadas especificamente para produzir grandes quantidades de leite, são obrigadas a dar à luz um bezerro por ano a fim de produzir leite durante pelo menos os 10 meses seguintes e, em geral, são inseminadas artificialmente dentro de três meses após o parto. As vacas leiteiras muitas vezes só podem produzir um rendimento muito alto de leite por uma média de 3 anos. Depois desse tempo são abatidas e sua carne é consumida. São vacas velhas e não servem pra mais nada. Na história de Balinha eu falo um pouco disso. A criação intensiva de vacas leiteiras resulta em um número crescente de problemas de bem-estar para tanto para a vaca, para os seus bezerros quanto para o planeta. A mastite é um desses problemas. Lembro que aos quatro meses de vida de minha filha caí com uma febre de 40 graus. Lembro da dor lancinante no peito quente e vermelho, da sensação de quase desmaio, dos calafrios incapacitantes, não lembro o que deveria fazer. Acionado, o médico que fez meu parto me mandou correr para o Instituto Fernandes Figueira: se não tratada, minha mastite poderia evoluir para um abscesso mamário [um buraco preenchido por pus dentro da minha teta], ser drenado por



as primeiras gotas de leite nascem com o bebê

via cirúrgica e, eventualmente, me causar uma infecção generalizada. O Fernandes Figueira é um hospital público, um braço da Fiocruz que contempla também o Centro de Referência Nacional da Rede Global de Bancos de Leite Humano (rBLH), sendo considerado um “Hospital Amigo da Criança” pela Organização Mundial da Saúde (OMS), pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pelo Ministério da Saúde. Foi lá que as enfermeiras, de quem não me recordo o nome, me ensinaram a massagear o peito para desentupir meus ductos e drenar manualmente o pus contido dentro da minha mama. A sucção por parte de minha bebê era a melhor das terapias, segundo os profissionais de saúde: a recalibração da demanda dela, a conversa entre a saliva dela e as minhas glândulas mamárias, era parte importante da cura juntamente com os antibióticos. Foi nessa consulta que conheci uma rede importante de mulheres que atuam vivamente na saúde materno-infantil em âmbito público. E nesse dia me apresentaram o banco de leite e a possibilidade de participar dele fazendo doações. Ao longo de quase um ano doei 30 litros ao banco de leite do IFF; quantas vidas foram tornadas possíveis a partir desse leite negociado? Quantas foram inviabilizadas pela falta dele - não do meu, mas do leite de fêmea humana em si? O que foi esse leite e todas as coisas que vieram dele e com ele? Quantas vidas humanas vingaram ancoradas nas tetas de uma vaca sem nome que nunca quis doar leite? Enquanto espremia meus peitos na bomba de ordenha pensava nas tantas milhares de vacas que presas a elas - às bombas de ordenha - estavam sem conseguir fugir ou estabelecer vínculo com suas crias. Quantas, como eu, estavam passando por um processo inflamatório nas

tetas, com pus misturado ao leite... era setembro de 2015 e eu já ouvia a pesquisa da amiga e filósofa Juliana Fausto, que dois anos depois defenderia sua tese sobre a cosmopolítica dos animais. Meu próprio leite - que não era meu; como diria o poeta Jorge Aragão “Nada, nada é meu; nem o pensamento” - me enfeitiçou e me mostrou o sentido de especular cosmopoliticamente uma aliança entre corpos fêmeas lactantes, um pensar-com e como, um fazer-com e como e, como diria a filósofa Juliana é co-constituir mundos conjuntamente, por entrelaçamentos situados; é dar voz a quem historicamente não a teve e examinar os próprios olhos; é cosmopolítica; é um tipo de feitiçaria cósmica que, ao transformar locais de habitação, visa transformar modos de habitar; é arriscar-se em arranjos provisórios; é compreender que tudo isso pode ainda falhar e começar de novo. Ao contrário das vacas da lactation, eu não estava em confinamento, angustiada por estar separada da minha filha, servindo a um maquinário. Em um rebanho de 100 vacas pode haver até 70 casos de mastite por ano. No meu caso, não é sabido ao certo como uma bactéria se alojou do meu peito para causar a inflamação. Muito provavelmente ela foi causada por uma estase láctea, condição que se caracteriza pelo acúmulo de leite estagnado em um ou mais ductos lactíferos, por longos períodos. Nenhuma puérpera contemporânea minha teve mastite mais de uma vez. Poucas tiveram uma. No caso das vacas leiteiras escravizadas, a mastite pode ocorrer devido à contaminação do equipamento de ordenha. Eu pude e posso ser essa lactante suficientemente boa. Como posso, aqui nessas páginas, ser a pesquisadora suficientemente boa que nasce junto com essa mãe suficientemente boa. E mãe



suficientemente boa é um termo que gosto de usar levemente para designar essa mãe possível, o que ele não deixa de fato de ser. Mãe suficientemente boa na verdade é uma expressão famosa cunhada em 1953 pelo pediatra e psicanalista britânico Donald Winnicott para, em suma, explicar que justamente devido ao fato de a mãe passar por um período de fusão extrema com o bebê no pós-parto, perdendo-se de si mesma em função das demandas do recém-nascido, des centrada de si própria e identificada às necessidades do bebê, é uma mãe que precisa ser amparada para poder amparar e sustentar esse lugar materno. Amparo esse, de ordem material e afetiva, que para Winnicott, viria de um pai, mas podemos atualizar no contexto contemporâneo: um segundo genitor ou genitora, um membro da família que venha a desempenhar essa função de cuidar de quem cuida. Essa mãe seria suficientemente boa à medida em que, garantidas a proteção e a possibilidade de se desincumbir de outras tarefas, propiciasse um ambiente acolhedor e respeitoso a um desenvolvimento psicomotor e afetivo saudáveis ou, no pior dos casos, neurótico. Alguma neurose, portanto, para Winnicott, é constitutiva e saudável. Os casos não-saudáveis/neuróticos seriam aqueles onde há falhas no ambiente ex terogestacional, um ambiente invasivo e descuidado, fazendo com que esses seres apresentem patologias de tipo borderline ou psicótico. Sendo assim o conceito é clinicamente necessário para diferenciar dois tipos de processo de amadurecimento: um saudável/neurótico de outro borderline/psicótico. A partir dessa noção podemos pensar o amadurecimento de bezerros e outros lactentes com existências implicadas em servir à indústria do leite, dada a violência com a

qual se opera nesses campos de concentração laticidas, como animais em condições de borderline ou de psicose. Poucas mulheres conseguem ser mães suficientemente boas em condições impostas pela lógica do patriarcado, na qual a mulher precisa se portar como um homem na sociedade para ser legitimada como sujeito. Criar filho, amamentar, fazer o trabalho reprodutivo que é essencialmente improdutivo e, ousaria dizer, contraproducente e contraprodutivo, sempre foi visto como algo menor pela civilização ocidental. Nenhuma vaca leiteira escravizada pela indústria consegue sequer amamentar seus filhos, uma vez que as fazendas mais “tecnificadas”, termo usado pelos zootecnistas para designar uma fazenda com muitos recursos tecnológicos que proporcionam maior produtividade e lucro ao fazendeiro, onde os bezerrões não mamam nas tetas de suas mães, mas em alimentadores automáticos [mamadeiras que simulam o ubre da vaca presas a um muro, mas que não são exatamente na mesma posição das tetas, ou seja, suponho que a longo prazo esses bebês que não precisam fazer o movimento de erguerem seus pescoços para mamar venham a desenvolver alguma patologia no aparelho fonador/deglutidor, uma vez que todos estão interligados], perdendo o contato quase que definitivo com os adultos logo após seu nascimento e em período de lactância. Faz-se mesmo necessário um gesto cosmopolítico para se pensar esse leite e a experiência de seu acontecimento no espaço mamífero e fora dele. Uma das práticas mais perversas na lactation é o gesto de separar os bezerros de suas mães durante a noite, deixá-los apenas em companhia de outros bezerros e sem a segurança e o acolhimento de suas mães para, ao acordar, pô-los ao encontro das vacas,



há épocas em que o bebê precisa mais de proteínas

que tal qual como nós humanes sentimos o peito encher de leite quando vemos nossos filhos lactentes e, logo em seguida, separar vacas de crias para começar a ordenha e aumentar a produção de leite. Dentre as técnicas que visam também aumentar a produção de leite em vacas confinadas é o uso de óculos de realidade virtual para que elas se sintam pastando livremente. A prática começou em fazendas na Rússia e já foi adotada em outros lugares, como a Turquia. Outra prática perversa é a colostragem artificial de bezerras para, entre outras coisas, aumentar a precocidade das vacas leiteiras - colostro é a primeira secreção láctea dos mamíferos produzida pela gestante no final da gravidez, antes de o bebê nascer; é rico em imunoglobulinas, nutrientes, hormônios, gordura, proteína e fatores de crescimento, que são fundamentais para o recém-nascido; também é responsável pela maturação e desenvolvimento do trato gastrointestinal e do metabolismo. A criação de bezerras jovens em uma fazenda de leite é extremamente importante. Boas bezerras vão se transformar em boas vacas, com bastante produção de leite, saudáveis e com longevidade, diz o site Rehagro. Mas um superalimento desses não poderia passar em branco, como se nada fosse, na frente do maior predador do planeta. Com mais de 6.000 estudos iluminando a ciência, pesquisas mostraram que o colostro bovino desempenha um papel importante na nutrição humana. Nós fornecemos esse superalimento abundante em fatores imunológicos, digestivos e de crescimento, bem como outros bioativos importantes, o colostro ajuda o corpo a fortalecer estruturas musculares, ósseas e funções chave, promovendo saúde e vitalidade em todas as fases da vida, promete o site da Colostro, um

complexo brasileiro de fazendas especializadas em processar o precioso sêrum bovino que visa aumentar a performance vital de humanos. Na lactation também temos a transformação do leite em pó. E este está diretamente ligado à produtividade da mulher no mercado de trabalho e a uma certa insuficiência da lactante em relação ao seu rebento. Muito se fala, aliás, em violência obstétrica, mas pouco se fala sobre o que chamo de violência pediátrica, ou seja, médicos especializados em neonatologia que desencorajam o aleitamento materno, que diminuem as mulheres que escolhem amamentar, que esvaziam o gesto da amamentação e humilham puérperas todos os dias em hospitais e consultórios dizendo que seus leites não são bons, são insuficientes, são pobres em nutrientes, são fracos. Zilhões e trilhões de pesquisas científicas que em um google rápido desmentem o que podemos chamar de uma fake news institucionalizada, a do leite fraco. Isso acontece porque muitos pediatras ainda servem à indústria do leite, ou melhor, à indústria da fórmula láctea infantil que, em inúmeros casos, salva vidas infantis em configurações específicas nas quais o aleitamento materno não pode ser realizado pela mãe. São casos excepcionais nos quais o substituto acaba protagonizando o aleitamento e permitindo que vidas humanas venham a vingar. O leite em pó oferecido aos bebês humanos é leite materno, mas de vaca, a sujeita oculta da palavra leite. As fórmulas lácteas que visam, entre outras coisas, tornar o trabalho doméstico do aleitamento algo prescindível, fazem parte da ideologia - ou seja, de um conjunto de ideias que recorta a realidade de modo pouco elaborado a fim de beneficiar uma certa classe dominante como a indústria do leite - de que



amamentar é um gesto menor, pobre, inferior, sujo e substituível. Quando um pediatra bancado pela indústria farmacoláctea logra em produzir um desmame precoce proferindo inverdades dessa ordem [leite fraco, pouco leite, etc.] ele insere a lactante, que antes não gastava um centavo para alimentar sua cria, em um sistema de econômico de dividendos, colocando-a em uma posição negativa, em atraso, forçando-a a produzir dinheiro para comprar leite. Um bebê tomará, em média, de 4 a 5 latas de 800g de leite artificial por mês no lugar do leite materno. E a qualidade, a qualidade da possibilidade de se alimentar bem, a oportunidade de se nutrir com alguma dignidade, que era garantida pelo seio materno, nessa hora se transforma em um privilégio - mais uma vez, o que deveria ser um direito acaba sendo transformado em um privilégio para poucos nas mãos do capital - uma questão de classe social: quem tem mais direito à dignidade nutricional é quem pode pagar pelo melhor leite. A lata de leite mais barata custa cerca de R\$ 50 reais [valores de novembro de 2022] se chama Nestogeno [soro de leite desmineralizado, leite desnatado, maltodextrina, oleína de palma, óleo de palmiste, galacto-oligossacarídeos, óleo de canola com baixo teor erúcico, minerais (citrato de cálcio, fosfato de potássio dibásico, fosfato de sódio dibásico, cloreto de magnésio, cloreto de potássio, cloreto de sódio, sulfato ferroso, sulfato de zinco, sulfato de cobre, iodeto de potássio, selenato de sódio), óleo de milho, fruto-oligossacarídeos, vitaminas (L-ascorbato de sódio, acetato de DL-alfa-tocoferila, D-pantotenato de cálcio, nicotinamida, tiamina mononitrato, acetato de retinila, cloridrato de piridoxina, riboflavina, ácido N-pterol-L-glutâmico, filoquinona, D-biotina,

calecalciferol e cianocobalamina), emulsificante lecitina de soja e reguladores de acidez hidróxido de potássio e ácido cítrico], da multinacional suíça Nestlé, aquela que se você piscar privatiza a sua própria mãe. A mais cara, que custa cerca de R\$ 250, ou seja, cinco vezes mais, é a fórmula Aptamil ProExpert Pepti [proteína hidrolisada do soro de leite, maltodextrina, óleos vegetais (palma, canola, coco, girassol), galactooligossacarídeos (GOS), fruto-oligossacarídeos (FOS), fosfato tri cálcico, cloreto de potássio, óleo de peixe, cloreto de magnésio, citrato trissódico, óleo de Mortierella alpina, carbonato de cálcio, vitamina C, cloreto de colina, taurina, sulfato ferroso, inositol, sulfato de zinco, nucleotídeos (uridina, citidina, adenosina, inosina, guanosina), vitamina E, L-carnitina, niacina, d-pantotenato de cálcio, d-biotina, sulfato de cobre, ácido fólico, vitaminas A, B12, B1, B2, D, B6, sulfato de manganês, iodeto de potássio, vitamina K, selenito de sódio, emulsificantes ésteres de ácido cítrico e mono e diglicerídeos], da multinacional francesa Danone. Segundo dados do Ministério da Agricultura e do Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) no Brasil, em 2021, a indústria do leite exportou R\$ 51,8 bilhões em 2021, se consolidando como estrela do lactationóceno do sul global. A pecuária leiteira teve início no Brasil em 1532, no entanto foi em 1950 que passou a acompanhar o surto de industrialização e introduzir no vocabulário lácteo os tratamentos - esterilizações - térmicos como pasteurização e processos UHT, ou seja, é por aplicação de calor e frio que se elimina todos os microorganismos patogênicos do leite, segundo explica o portal MilkPoint. Por agente patogênico (do grego: πάθος pathos "sofrimento", "paixão" e -γενής -genês "produtor de"), compreende-se vírus,



bactérias, protozoários, fungos, etc., ou seja, para que o leite [das milhões de vacas anônimas] circule esorra para os buchos humanos mediados por latas, caixinhas tetra-pak ou garrafas de plástico, é necessário zumbificá-lo, torná-lo um morto-vivo. Estudos comprovam que a onipresença transbordante e excessiva desse leite morto-vivo, desse zumbi, na dieta ocidental, tem sido um dos grandes responsáveis pelo aumento de massa corporal - massa gorda - em crianças e adolescentes ao redor do mundo, sobretudo nos países em que se observa progressiva ocidentalização [da dieta], chegando a ser considerada uma espécie de epidemia global. O imaginário do leite que ganha raízes predatórias no ocidente e institui o que estamos nomeando de lactation não se limita ao confinamento das vacas sem nome escravizadas espalhadas continentes adentro. Ele começa antes, com as amas de leite. Ama de leite, segundo o Houaiss, é a mulher que amamenta criança alheia; criadeira. O primeiro registro da regulamentação atividade de ama de leite em forma de lei data de 1700 AC, no antigo Império Babilônico, na Mesopotâmia. A prática das amas de leite foi estudada vastamente pela filósofa francesa Elisabeth Badinter [1985] desde a época medieval até a contemporânea na Europa, em especial na França. Segundo a autora, o costume de delegar a amamentação e o cuidado do filho a uma ama por meio de um contrato de trabalho é antigo na França, conforme a constatação da primeira agência de amas em Paris no século XIII. Porém nesta época até o século XVI, esta prática era restrita à aristocracia e foi, a partir do século XVII, que a necessidade do aluguel das amas atingiu a burguesia e, no século XVIII, se difundiu para todas as camadas sociais urbanas.

Assim, deixou de ser um hábito das camadas mais abastadas e se tornou uma prática popular, onde a alta demanda do século XVIII ocasionou uma carência de amas no mercado (...) Mulheres do campo ou da cidade - sobretudo as mais humildes - trabalhavam como amas, acolhendo as crianças de outrem por um salário baixo, às vezes miserável, ressaltam Carolina Barbieri e Márcia Couto, cientistas de medicina preventiva vinculadas à Universidade de São Paulo. O relato é o mesmo ao longo dos séculos: cuidar e nutrir crianças é um trabalho historicamente menor e precarizado, precarizável. No Brasil colônia, uma certa moral europeia - portuguesa - julgava o ato de amamentar como terrível para a mulher aristocrata. Além de deixá-la com o corpo deformado e feio [seios caídos], deixava a mulher fraca - visto que o leite era algo precioso para sua saúde - e asquerosa, uma vez que não era de bom tom uma dama passar o dia fedendo leite azedo. Como serviria ao seu senhor nessas condições? Logo que chegaram ao Brasil, os portugueses se depararam com o aleitamento prolongado realizado pelas indígenas Tupinambá, que davam de mamar até três anos de idade ou mais, e logo associaram a prática a algo primitivo, instintivo e não digno da mulher civilizada. Não demorou para que a prática passasse a ser realizada por mulheres negras escravizadas - amas internas, que moravam nas grandes casas, eram mais caras e eram um privilégio da alta aristocracia. Mas as amas de leite não poderiam ser quaisquer mulheres. As amas precisavam ter valores morais e equilíbrio emocional, pois pelo leite passava o caráter e as paixões de quem amamenta. É aí que entra, não por acaso, a noção de depuração/purificação do leite feita pela indústria para se livrar dos tais



agentes patógenos. Para os antigos o leite materno tinha outras propriedades para além das bioquímicas/nutricionais: ele era sangue, veículo de valores, vigor, moral e princípios que eram transmitidos para o corpo-espírito do bebê juntamente ou para além das características genéticas. Por isso também que a amamentação é também um modo de criar parentescos. O que quer dizer que sou parente de tantas muitas vacas que desconheço e que me deram de mamar na minha primeira infância, bem como tantas outras crianças que foram amamentadas pelas vacas da indústria láctea. A diferença entre as amas de leite na Europa para as amas de leite no Brasil era que, na Europa, as amas eram pagas, ainda que muitíssimo mal pagas, para prestar um serviço. Já no Brasil as mulheres negras escravizadas - e mais tarde as indígenas no período pós-abolicionista - eram tratadas como animais, como vacas e cabras, pela classe dominante. A diferença racial foi um demarcador importante nesse sentido. Existe um fio especista que liga aquela que dá leite àquele de dele mama na história do lactationoceno. Se começamos com as mães, as mães naturais, e passamos para a mulher negra, a mulher indígena, a mulher pobre, depois às vacas - que na minha leitura mandaram uma mensagem, talvez um pedido de socorro, via leite [alergias à proteína do leite, a caseína, e intolerância à lactose por parte dos humanos] -, às cabras, às ovelhas e, por fim, aos grãos como, por exemplo, à soja. Tudo isso vira leite na mão do homem branco ocidental, aquele que quer mamar até morrer. Mas, em algum ponto da história, as amamentações interespecíficas já foram mais negociadas. Na época de Rômulo e Remo, talvez?

Pensada-com:

AGOSTINHO, Pedro. **Mitos e outras narrativas Kamayurá**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/175/4/Mitos%20e%20outras%20narrativas%20Kamayura.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2022

ALBUQUERQUE, Luiza Caravallhaes. Retrospectiva 2021: acontecimentos importantes do segmento lácteo. **Ciência do leite**. [S. l], 01 fev. 2022. Disponível em: <https://cienciadoleite.com.br/noticia/5228/retrospectiva-2021--acontecimentos-importantes-do-segmento-lacteo>. Acesso em: 24 nov. 2022

BARBIERI, Carolina Luisa Alves; COUTO, Márcia Thereza. As amas de leite e a regulamentação biomédica do aleitamento cruzado: contribuições da socioantropologia e da história. **Cadernos de História da Ciência**, [São Paulo], v. 8, n. 1, p. 61-76, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.47692/cadhistcienc.2012.v8.35821>. Acesso em: 24 nov. 2022.

BROWN, Peter. US Dairy Farms: Untapped Biogas Potential. **Biomass Magazine**. [S. l], 02 mar. 2019. Disponível em: <https://biomassmagazine.com/articles/15960/us-dairy-farms-untapped-biogas-potential>. Acesso em: 24 nov. 2022.

há galões de pus nos ventres das crianças desmamadas do antropoceno



BRUNA, Maria Helena Varella. Mastite: A principal causa da mastite é a estase láctea, condição que se caracteriza pelo acúmulo de leite estagnado em um ou mais ductos lactíferos, por longos períodos. **Drauzio**, [s. l], [20--?]. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/mastite/>. Acesso em: 24 nov. 2022.

DAIRY cows. [Godalming]: Compassion in World Farming, c2022. Disponível em: <https://www.ciwf.org.uk/farm-animals/cows/dairy-cows/>. Acesso em: 24 nov. 2022.

DAIRY. Washington, DC: World Wildlife Fund, c2022. Disponível em: <https://www.worldwildlife.org/industries/dairy>. Acesso em: 24 nov. 2022.

EU e Você Sempre. Intérprete: Jorge Aragão. Compositores: Jorge Aragão e Flávio Cardoso. *In:* Jorge Aragão ao Vivo 2. Intérprete: Jorge Aragão. [S. l]: Indie Records, 2000. 1 CD (55 min.), faixa 1.

FEITOSA, Francisco. L. F. Importância da transferência da imunidade passiva para a sobrevivência de bezerros neonatos. **Revista de Educação Continuada**. CRMV-SP, São Paulo, v. 2. n. 3. p. 17-22, 1999. Disponível em: <file:///C:/Users/bella/Downloads/3356-Texto%20do%20artigo-2917-1-10-20130828.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2022.

GERMANO, Bruno Afonso. As Constelações Indígenas Brasileiras. **Telescópios na Escola**, Rio de Janeiro, p. 1-11, 2013. Disponível em: <http://www.telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2022.

GOMES, Viviani; MARTIN, Camila. Sanidade na criação de bezerras: do 2º aos 30 dias de vida - parte II de IV. **MilkPoint**: [s. l], 13 jun. 2016. Disponível em: <https://www.milkpoint.com.br/colunas/viviane-gomes/sanidade-na-criacao-de-bezerras-do-2-aos-30-dias-de-vida-parte-ii-de-iv-100556n.aspx>. Acesso em: 24 nov. 2022.

GREGERSEN, Erik (ed.). **The Milky Way and beyond**: stars, nebulae and other galaxies. [New York]: Britannica Educational Publishing, 2010.

HARAWAY, Donna J. **Primate visions**: gender, race, and nature in the world of Modern Science. New York: Routledge, 1989.

LIN, Shi Lin *et al.* The role of dairy products and milk in adolescent obesity: evidence from Hong Kong's "Children of 1997" birth cohort. **PLoS One**, [s. l], v. 7, n. 12, p. 1-7, 2012. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0052575>. Acesso em: 24 nov. 2022.

PEDRUCCI, Giulia. Motherhood, breastfeeding and adoption: the case of Hera suckling Heracles. **Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae**, Budapest, v. 57, n. 2-3, p. 311-322, 2017.

RABOISSON, Didier; TRILLAT, Pauline; CAHUZAC, Clélia. Failure of Passive Immune Transfer in Calves: A Meta-Analysis on the Consequences and Assessment of the Economic Impact. **PLoS one**, v. 11, n. 3, p. 1-19, mar. 2016.



Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0150452>. Acesso em: 24 nov. 2022.

RITCHIE, Hannah; ROSER, Max. Biodiversity. **Our world in data**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://ourworldindata.org/biodiversity>. Acesso em: 24 nov. 2022.

SOBRE o IFF/Fiocruz. Rio de Janeiro: IFF/Fiocruz, [20--]. Disponível em: <https://www.iff.fiocruz.br/index.php/institucional/sobre-iff-fiocruz>. Acesso em: 24 nov. 2022.

UNICEF: apenas 40% das crianças no mundo recebem amamentação exclusiva no início da vida. Brasília, DF: Nações Unidas Brasil, 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unicef-apenas-40-das-criancas-no-mundo-recebem-amamentacao-exclusiva-no-inicio-da-vida/>. Acesso em: 04 dez. 2019.

WINTERBERG, W. J. Myths and Fancies of the Milky Way. **Journal of the Royal Astronomical Society of Canada**, [Canada], v. 2, 1908.

ZUCKER, Arnaud. **L'Encyclopédie du ciel**: Mythologie, Astronomie, Astrologie. [S. l.]: Robert Laffont, 2016.